

Das Redes às Ruas: os Movimentos Sociais e a Mobilização das Identidades

Jorge Machado*

Citação:

MACHADO, Jorge (2015). Das Redes às Ruas. In ZANIRATO, S. (org.) *Políticas Públicas: Autores e Demandas*. São Paulo: Annablumme, pp. 11-23.

Versão Online: http://www.forum-global.de/jm/art04-05/das_redes_as_ruas_movimentos_sociais_identidades.pdf

1. Introdução

Os movimentos sociais são atores fundamentais de processos de mudança social. Nas duas últimas décadas, as tecnologias de informação e comunicação digitais tornaram-se instrumentos de importância central para que os movimentos sociais desenvolvessem suas estratégias de organização e articulação, propiciando também formas de ativismo antes inexistentes. Atuando cada vez mais em forma de rede, por meio do compartilhamento de valores e a constituição de redes de cooperação e solidariedade, os movimentos sociais conseguiram ampliar seu poder de mobilização

* Sociólogo, professor do curso de Gestão de Políticas Públicas da USP e um dos coordenadores do COLAB – Colaboratório de Desenvolvimento e Participação.

social, superando os limites impostos pelo tradicional controle das grandes mídias.

O objetivo desse texto, é compreender e buscar estabelecer um conjunto de características como sobre os movimentos sociais que atuam em rede. Partindo de algumas das principais teorias, na primeira parte deste texto fazemos uma breve introdução sobre a evolução da interpretação da ação coletiva e dos papel dos movimentos sociais. A seguir, apresentamos um breve histórico da atuação dos movimentos em rede, com a incorporação das novas tecnologias de informação e comunicação em suas práticas sociais. Depois elencamos um conjunto de características comuns dos movimentos sociais e coletivos contemporâneos, com especial foco nas suas formas de da ação e articulação. Por fim, apresentamos as conclusões gerais.

1.1 Evolução na interpretação dos movimentos sociais

A concepção de movimentos sociais esteve, durante boa parte do tempo, associada aos movimentos de caráter revolucionário cujas ações e lutas políticas se enquadravam dentro de um espectro político frequentemente mais radical. Até os anos 70, era frequente a associação das lutas políticas dos movimentos sociais a um suposto quadro de luta de classes no interior das sociedades capitalistas – portanto, dentro de um contexto muito mais amplo, relacionado com o desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção existentes. Os movimentos sociais eram identificados basicamente como um produto da ação histórica da sociedade, ante as contradições do sistema capitalista.

Ao resgatar as abordagens clássicas sobre a ação coletiva, Pasquino (1992), ressalta que estas poderiam ser divididas em duas grandes correntes. De um lado, a que vê a manifestação de irracionalidade nos movimentos de massas. A esta corrente, que associa os comportamentos coletivos de massa ao risco à ordem social existente e que contrapõe a os indivíduos como agentes da racionalidade, aproximam-se as leituras de Le Bon, Ortega y Gasset e Tarde¹. De outro lado, estariam Marx, Durkheim e Weber que, com enfoques bastante distintos entre si, distinguem a peculiaridade da ação social que leva a tipos de solidariedades complexas (Durkheim) a mudanças

1 Le Bon e Tarde, civilização e cultura à credulidade das massas, caracterizada pela exasperação das emoções, ao instinto de manada e a tendência à imitação do comportamento coletivo (Le Bon, 2005 [1895]; Tarde, 2004 [1895]). Para Ortega y Gasset, as massas, incapazes serem responsabilizadas em coletivo, são suscetíveis à manipulação de seus líderes. Disso resulta a irrupção de massas privadas de identidade (cf. Menucci, 1999: 13).

sociais do tradicionalismo para o tipo racional-legal (Weber) ou o que podem marcar o início de um processo revolucionário (Marx). Os autores clássicos falam, em sua maioria, em “comportamento coletivo” e “ação social”². A referencia deles aos movimentos sociais, mesmo sendo de grande importância, é apenas indireta³.

Essa interpretação da natureza dos movimentos sociais foi bastante influenciada pelas abordagens marxistas-estruturalistas. O termo "novos movimentos sociais" surgiu para designar organizações e coletivos que lutavam pelas causas mais diversas e específicas que não encontravam uma interpretação satisfatória na maioria das teorias predominantes. Eram o caso do movimentos pacifista, de mulheres, ambientalista, antinuclear e por direitos civis e de minoras étnicas.

A diversificação dos movimentos sociais ocorreu em um processo intimamente ligado ao aprofundamento dos mecanismos e instituições democráticas nas sociedades ocidentais capitalistas. Com a crise do bloco soviético, viu-se o globalmente o nascimento de organizações civis e novos atores sociais que surgiam em torno de identidades culturais. O "súbito" surgimento de mais de mil organizações sociais, agremiações políticas e outros coletivos civis na ex-União Soviética, no início do processo de democratização (Held, 1997) denota a emergência das “identidades” nacionais, étnicas, culturais. O fortalecimento e proliferação dos movimentos sociais estiveram associados tanto com os conflitos que surgiam como com a abertura democrática e a própria capacidade de organização da sociedade civil.

Ao longo das duas décadas do século XXI, viu-se gradualmente o aprofundamento do papel da identidade cultural na articulação da ação social. Hoje, as demandas dos movimentos sociais são tão variadas, específicas quanto os contextos sociais, históricos e culturais. A abordagem marxista da ação social, baseada nas estruturas e antagonismos das classes sociais, não pôde dar conta de explicar o papel das identidades culturais na organização dos movimentos e a sua relação com o sistema político. Sob a lógica da busca de um “ideal de autenticidade”, em que cada pessoa e grupo

2 Os "movimentos sociais", tal como a concebemos hoje, não consistia à época um tema específico de investigação.

3 Há outras teorias e correntes consideradas clássicas, como as da escola de Chicago e os interacionistas simbólicos, principalmente Blumer (1939 e 1957), influenciado pelas obras de George Mead (1934) e Robert Park; os teóricos da sociedade de massas como Eric Fromm (1941), Hoffer (1953) e Kornhauser (1959 e 1968); os teóricos mais centrados ao poder político e nas relações sociais de classe e produção, como Lipset (1950) e Heberle (1951). Há a corrente que combinava elementos do interacionismo simbólico com a teoria da ação social de Parsons (1939), cujos principais expoentes foram Smelser (1962), Goffman (1959 e 1967) e Heberle (id, ibid.). Há ainda as contribuições da sociologia alemã, com especial influência na Europa, destacando as obras *Die Masse und Ihre Aktion*, de Geiger (1926) e *Partei und Klasse im Lebensprozess*, de Thumwald (1926).

têm de “ser reconhecido como é” (TAYLOR, 1998), a ação dos movimentos sociais passou a organizar suas demandas e lutas em torno de direitos e igualdade no âmbito das instituições de um Estado que se quer democrático.

Nesse contexto de transformação, os movimentos sociais contemporâneos passam cada vez mais a orientar suas pautas em função de direitos de aceitação “universal”, como das mulheres, negros, índios, idosos, por educação, saúde, cidadania, meio-ambiente. Direitos esses que foram reconhecidos e ganham legitimidade histórica e política mas que precisam se realizar no âmbito do Estado democrático.

Desde o fim da guerra fria e trunfo do modelo ocidental de democracia, os movimentos sociais passaram a desempenhar importantes papéis como catalisadores de demandas sociais não contempladas pelo Estado – quer seja pelo seu próprio reconhecimento enquanto atores políticos ou quer seja pelo sua crescente influência nas políticas públicas. Nas duas últimas décadas, esse contexto tem sido marcado por relevantes mudanças sociais como o aumento da escolarização⁴, da urbanização, maior inclusão digital⁵, o surgimento de novas tecnologias de informação, o crescimento da renda e a redução da pobreza. Esses fatores combinados geraram o ambiente para o surgimento de novas formas de ativismo numa sociedade cada vez mais globalizada tanto na cultura e valores, como em relação a problemas políticos, sociais e ambientais.

1.2 A importância da universalização dos valores democráticos para a atuação em rede

A convergência política traduzida em cúpulas internacionais sobre direitos humanos, sociais e ambientais contribuiu para universalização dos valores democráticos⁶, assim como maior consenso entre os objetivos e pautas – o que possibilitou que identidades em torno de tais lutas emergissem

4 Segundo o IPEA, o aumento da escolarização no Brasil foi de 54%, entre 1992 e 2012, passando de 5,7 para 8,8 anos, (IPEA, 2013)

5 De acordo com o PNAD, em 2011 77,7 milhões de pessoas de 10 anos ou mais de idade acessaram a Internet nos últimos três meses do período de referência. Este contingente equivalia a 46,5% do total da população de 10 anos ou mais de idade. Em 2005, estes totais foi 31,9 milhões (ou 20,9% da população) (IBGE, 2012)

6 Para Touraine, a história da liberdade no mundo moderno “é a de uma associação cada vez mais estreita entre o universalismo dos direitos humanos e a particularidade das situações e relações sociais nas quais esses direitos devem ser protegidos” (Touraine, 1995: 263). Para ele, é apenas nas sociedades democráticas que os movimentos sociais podem se formar espontaneamente, uma vez que a “livre escolha política obriga cada ator social a lutar simultaneamente pelo bem comum e pela defesa de interesses particulares”. Por tal razão, os movimentos sociais expressivos tendem a recorrer a temas universalistas como liberdade, igualdade, direitos humanos, justiça, solidariedade” (id, ibid: 88).

com mais força.

Essa dimensão universalista levou a compartilhamento cada vez mais amplo de valores vinculados aos direitos das minorias, à liberdade de expressão, à conservação ambiental, diversidade cultural, liberdade religiosa, igualdade racial, igualdade de gênero, qualidade de vida e a uma distribuição mais justa dos benefícios sociais da economia global. Esses mesmos temas passaram a ser centrais nas agendas de governos e organismos multilaterais. E a luta dos movimentos sociais passa a imprimir ritmo à incorporação de tais valores nas agendas de governos nacionais e locais.

Fortalecido pelo direito internacional, que vincula cada vez mais legitimidade à democracia, a livre atuação política dos movimentos sociais passou a ter um importante papel como indicador de amadurecimento das instituições democráticas.

2. Movimentos sociais em rede

A atuação dos movimentos sociais em rede, de forma estratégica, sinérgica e apoiado no compartilhamento de ideais, deu um grande salto desde que a Internet passou a servir como infraestrutura de comunicação e articulação. Um importante exemplo é o da organização online *MoveOn.org*. No dia 15 de fevereiro de 2003, a MoveOn conseguiram a proeza de organizar o maior protesto mundial até então realizado e organizado pela Internet. Cerca de 250 mil pessoas saíram às ruas de Nova Iorque, para se manifestarem contra a guerra que Bush pai promovia no Iraque (Machado, 2007).

Com a expansão da Internet e o surgimento das chamadas redes sociais, grandes protestos passaram a ser quase que totalmente organizados através da Internet. Assim foi o movimento da Primavera Árabe. Iniciada na Tunísia, em dezembro de 2010, como resposta à corrupção policial e agressões contra cidadãos, o movimento expandiu-se fora do controle das autoridades. Com a grande mídia controlada pelo governo, as redes e mídias sociais – em especial o facebook e twitter –, desempenharam um papel fundamental na difusão de imagens e vídeos com registros da brutalidade da repressão⁷, o que levou a uma indignação maior e aumento da adesão de cidadãos. As redes

⁷ Um dos exemplos mais expressivos foi a difusão do vídeo do espancamento do programador All Khaled Said pela polícia, que levou à criação de um grupo no Facebook, com quase 1,5 milhão de membros, chamado “We Are All

sociais serviram à articulação estratégica de ativistas durante os protestos de rua (NYT, 2013). Mesmo com as tentativas dos governos da Tunísia e do Egito de banir o tráfego aos sites do facebook⁸ e twitter (The National, 2011), em algumas semanas os protestos se espalharam por 15 países⁹. O resultado foi a queda de três chefes de Estado: Abidine Ben Ali (Tunísia) Hosni Mubarak (Egito), Muammar Gaddafi (Líbia) e a introdução de reformas democráticas na maioria dos países.

Outro exemplo é o da Avaaz, organização que opera desde 2007 e tem o site em 15 línguas, com cerca de 39 milhões de membros cadastrados em suas campanhas. A Avaaz promove diversas causas através de petições que mobilizam milhões de pessoas no mundo e que ajudam a dar publicidades a problemas relacionados com direitos humanos, meio-ambiente, democracia e transparência (AVAAZ, 2014a). No Brasil, sua campanha pela aprovação da Lei Ficha Limpa obteve mais de 2 milhões de assinaturas em 2010 (AVAAZ, 2014b).

Em 2011, viu-se na Espanha o surgimento do movimento 15-M (15 de março), também chamados de “Indignados” pela imprensa. Iniciado com 40 pessoas que decidiram acampar após um protesto por mais democracia realizado no dia 15 de março em frente à prefeitura de Madrid. Os acampados foram expulsos de forma violenta por policiais, mas as imagens da repressão foram amplamente difundidas pelo movimento. Isso deu mais força aos protestos, que se ampliaram em Madrid e se espalharam por todo país. Em seu auge levou 2 milhões de pessoas às ruas de todo país. Boa parte da articulação se deu através da internet, do uso de meios de comunicação autônomos - sites e blogs, muitos operados durante a ocupação de espaços públicos – e redes sociais, que serviam para divulgar notícias, fotos e convocar para protestos.

Em setembro do mesmo ano surgiu o movimento Occupy, nos Estados Unidos, que com estratégias semelhantes ao 15-M se espalhou por cerca de 900 cidades (Washington Post, 2011). Suas pautas envolviam a democracia participativa, transparência pública e maior controle social sobre o mercado financeiro. Mais uma vez, a Internet desempenhou papel fundamental para que o movimento se espalhasse e redes de solidariedade e apoio fossem constituídas em torno dos objetivos do movimento¹⁰.

Khaled Said” (NYT, 2011; The Atlantic, 2013; The National 2011).

8 Para se ter uma ideia da penetração do Facebook, na época site de relacionamento possuía cerca de 600 milhões de usuários ativos (YahooNews, 2013). Em junho de 2014 já eram 1,32 bilhões (Facebook, 2014). Sua expansão tem sido contínua desde sua criação.

9 Ver mapa e cronologia das manifestações em Wikipedia, 2014a.

10 No Brasil, o mês de junho de 2013 será lembrado pelos protestos históricos que levaram milhões de pessoas às ruas

Tais redes, assim como outras formas de organizações conhecidas, são caracterizadas pelo voluntariado, reciprocidade e modelos horizontais de comunicação e intercâmbio. Tais formas de organização e articulação em rede eram impossíveis de ocorrer, com tal forma e alcance, há alguns anos atrás. A matéria-prima básica dessa nova forma de organização é a informação eficazmente distribuída e a comunicação entre pessoas que compartilham identidades e valores comuns. Este poder resulta da ampliação da capacidade que indivíduos e coletivos têm em curto espaço de tempo de produzir e compartilhar fatos, ideias, valores e experiências em torno de interesses, identidades e crenças.

A Internet não apenas possibilitou novas formas de comunicação mais eficazes, de baixo custo e grande alcance, como também constituiu em si um novo espaço público para o debate político. A rede proporcionou também os meios para ações de contra-informação política, gerando a possibilidade de contraditório e relação ao noticiado pela grande mídia. Isso aumentou a influência dos movimentos sociais na formação da opinião pública e também gerou maior pressão no *accountability* político de governos e corporações.

3. Características da atuação dos coletivos e movimentos sociais em rede

Podemos listar as principais características da atuação dos coletivos e movimentos sociais em rede¹¹:

1) *Proliferação e ramificação dos coletivos sociais*. O alcance e dinamismo das novas TICs permitem uma proliferação dos coletivos sociais, assim como uma integração eficiente e estratégica entre diferentes atores que se ramificam pela sociedade. Novas formas de alianças e sinergias surgem, alicerçadas no idealismo e voluntarismo, que potencializam as formas de mobilização, participação, interação, acesso à informação e provisão de recursos.

de todo o país. Segundo a Confederação Nacional de Municípios, no dia 20 de junho, ápice das manifestações, cerca de 2 milhões de pessoas foram às ruas em 438 municípios (EBC, 2013). O que chamou a atenção é os protestos por todo país em geral foram marcados através do facebook. Embora o MPL tenha disparado o movimento, os protestos foram envolvendo outros grupos e causas sem qualquer ligação com as do MPL.

11 Para uma leitura mais extensiva sobre tais características ver MACHADO, 2007.

- 2) *Horizontalidade e flexibilidade das redes*. As organizações tendem a ser cada vez mais horizontais, menos hierarquizadas, mais flexíveis, com múltiplos nós, conectadas a numerosas microrredes ou células que podem ser alcançadas rapidamente.
- 3) *Tendência coalizacional*. Aumentam as coalizões dos coletivos sociais em torno de interesses comuns, com base na infraestrutura da Internet.
- 4) *Existência dinâmica ou segundo objetivos ou fatos*. Mobilizações podem formar-se, alcançar certos objetivos, causar impacto, repercutir e expandir-se por razão de um fato político e, da mesma forma, rapidamente desaparecer quando passado o fato que a motivou ou o objetivo tenha sido alcançado.
- 5) *Minimalismo organizacional-material*. A estrutura material passa a ter importância secundária. A possibilidade de operação a um custo muito baixo incentiva a participação. O mais importante é a capacidade de mobilização.
- 6) *Universalismo e particularismo das causas*. Mesmo que possa parecer contraditório, os ideais podem ser tanto universalistas, como quanto particularistas. Podem atender a uma ou a um conjunto de aspirações de coletivos sociais pequenos e específicos (e até mesmo geograficamente separados). Mesmo que ligadas a uma causa ou tema específico, as lutas podem orientar-se cada vez mais com relação a um quadro mais amplo de direitos, dizendo respeito a princípios de aceitação universal, como desenvolvimento sustentável, direitos humanos, direito à autodeterminação dos povos, combate ao racismo e à discriminação, democracia, liberdade de expressão, etc¹².
- 7) *Grande poder de articulação e eficiência*. As TICs permitem a organização de protestos simultâneos em diferentes cidades, assim como a articulação de grupos de manifestantes dispersos. Sua geometria pode ser variável, combinando diferentes estratégias de ação.
- 8) *Estratégias deslocalizadas de ideologias compartilhadas*. As estratégias de atuação no virtual buscam ligar identidades, objetivos, ideologias e visões de mundo compartilhadas. Identidade e solidariedade passam a desempenhar papéis fundamentais para a formação de redes.
- 9) *Multiplicidade de identidades / circulação de militantes*. As TIC permitem a “circulação” de militantes nas redes. Um mesmo ativista pode estar enredado com outras causas, militar em vários

12 Para Giddens, a auto-identidade é uma característica fundamental do que chama "modernidade tardia". Segundo ele, em um cenário de crescente interconexão entre a *intencionalidade* e a *extencionalidade* – capacidade de interação com elementos cada vez mais globais – do indivíduo, a este é possível negociar uma série de estilos e opções de vida, construindo sua identidade em termos de sua interação dialética com o global (Giddens, 1997)

movimentos e transmitir suas reivindicações nas diferentes redes em que participa (por meio de suas conexões identitárias). Isso permite a participação de um mesmo indivíduo em diferentes movimentos sociais e protestos, compartilhando um interesse com pessoas que, em outras dimensões da vida social, têm aspirações, valores e crenças bem diferentes das dele.

10) *Identidade difusa*. O anonimato e a multiplicidade de identidades potencializam as formas de ativismo. Por essa razão, é cada vez mais difícil tratar de questões identitárias dos movimentos sociais. Os interesses dos indivíduos que se ligam em rede são cada vez mais cruzados, diversos e, por vezes, tênues e organizada em torno de códigos culturais, valores e interesses diversos.

3.1 Monitoramento da Internet

Ao falar do potencial emancipador da rede, não é possível ignorar a outra face dessa crescente conexão global: a possibilidade de controle e monitoramento social em uma amplitude nunca antes vista na história da humanidade.

O cenário atual apresenta aspectos ainda bastante desafiadores. As revelações de vigilância em massa pela National Security Agency (NSA) levaram a uma postura global mais crítica com relação às grandes empresas que provém a infra-estrutura de comunicação da Internet¹³, fortalecendo a necessidade de meios de comunicação mais autônomos e descentralizados. O efeito concentrador dessas redes em poucas plataformas proprietárias preocupa à medida que o compromisso de uma corporação é presumivelmente maior com seus acionistas do que com a defesa abstrata dos direitos humanos. A concentração de informação detalhada sobre a vida privada e íntima dos cidadãos em algumas empresas acaba atraindo ao monitoramento por parte da inteligência dos governos – além das próprias empresas com o intuito de capitalizar com esses dados¹⁴.

4. Conclusão

13 Os programas PRISM (Wikipédia, 2014b) e MUSCULAR (Wikipédia, 2014c) são exemplos disso.

14 Contra isso, há um conjunto de tecnologias e serviços que envolvem criptografia e navegação anônima – como uso de chaves PGP, uso de chat com OTR ou navegação com TOR – mas cujo conhecimento ainda é restrito a indivíduos e grupos com capacidades para tal.

Observa-se que as ações de envolvem grande mobilização através da rede tem se orientado pela identificação de indivíduos e coletivos em valores universais como direitos humanos, de minorias, liberdade de expressão e preservação ambiental. Tais valores, por serem cada vez "mais universais" e estando associados a fatos políticos marcantes, são mais mobilizáveis, pois criam fortes identificações que facilitam a integração de indivíduos e organizações no plano simbólico. As tecnologias de informação e comunicação – em especial os meios com potencial de comunicação em massa –, desempenham um papel muito importante enquanto infraestrutura de apoio a processos de formação de opinião e mudança social .

Nesse contexto, surgem de novos atores políticos, constituídos através da articulação de redes identitárias. Múltiplas identidades sociais, interesses e ideias se articulam e se combinam com grande dinamismo em torno de objetivos e fins específicos e determinados. Os movimentos sociais articulados em rede têm o poder de agregar, portanto, "identidades individuais", frequentemente anônimas e dispersas, possibilitando maior solidariedade e reciprocidade entre os mesmos.

Cabe lembrar o conceito de "repertórios da ação coletiva", de Tilly (1978). Aprendidos pela tradição política, pela participação e por sua circulação nas mídias, esses "repertórios" são responsáveis por um maior alcance e mais possibilidades de ação coletiva. A incorporação de novos objetivos e valores de ação coletiva dependem das experiências e informações e modelos de sociedade a qual os indivíduos estão expostos. Hoje esses repertórios são cada vez maiores, mais conectados, confrontados e compartilhados, criando um amplo horizonte de transformação social.

O que tece tais redes de coletivos sociais são relações, conflitos e processos políticos e sociais que ocorrem na sociedade, cujas causas e consequências se entrelaçam no cotidiano de uma sociedade globalizada. Para processos de mudança social interação, intenção, identidade e ação desempenham papéis fundamentais, criando um ambiente propício à emergência de novas formas de ação coletiva.

REFERÊNCIAS:

The ATLANTIC. So, Was Facebook Responsible for the Arab Spring After All? <http://www.theatlantic.com/technology/archive/2011/09/so-was-facebook-responsible-for-the-arab-spring-after-all/244314/> Sep 3 2011. . Acesso em: 01 de out. De 2014

AVAAZ, About <http://www.avaaz.org/about.php> 2014a. Acesso em: 01 de outubro de 2014
_____, Destaques <http://www.avaaz.org/po/highlights.php> 2014b. Acesso em: 01 de out. de 2014

EMPRESA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO – EBC. Quase 2 milhões de brasileiros participaram de manifestações em 438 cidades. Publicado em 21 de junho de 2013. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-06-21/quase-2-milhoes-de-brasileiros-participaram-de-manifestacoes-em-438-cidades>>. . Acesso em: 01 de out. de 2014

FACEBOOK, 2013. Company Info <http://newsroom.fb.com/company-info/> . Acesso em: 01 de out. de 2014

FROMM, Eric. **Escape from Freedom**. N. York: Rinehart, 1941.

GEIGER, T. **Die Masse und Ihre Aktion**. Stuttgart: Enke. 1926.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. São Paulo: Jorge Zahar, 1997.

GOFFMAN, E. **The Presentation of Self in Everyday Life**. N. York: Doubleday Anchor, 1959.

_____. **Interaction Ritual**. Garden City: Doubleday, 1967.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais**. São Paulo: Loyola, 2004.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HEBERLE, R. **Social Movements. An Introduction to Political Sociology**. N. York: Appleton-Century-Crofts, 1951.

HELD, David. **La Democracia y El Orden Global – Del Estado Moderno al Gobierno Cosmopolita**. Barcelona: Paidós, 1997.

HOFFER, E. **The True Believer: Thoughts on the Nature of Mass Movements**. N. York, Mentor, 1951.

IBGE, 2012. Acesso à Internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2011 – PNAD – Resultados ftp://ftp.ibge.gov.br/Acesso_a_internet_e_posse_celular/2011/comentarios.pdf . Acesso em: 01 de out. de 2014

IPEA, 2013. PNAD mostra aumento da escolaridade média do brasileiro. http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20012 . Acesso em: 01 de out. de 2014

KORNHAUSER, W. **The Politics of Mass Society**. Glencoe: Freepress, 1959.
_____. Mass Society. In: **International Encyclopedia of the Social Sciences**, vol. 10, pp. 58-64, N. York: Macmillan, 1968.

LE BON, Gustav. **The Crowd: A study of the popular mind**. 2nd ed. Dunwoody, Georgia: Norman S. Berg <http://www.propaganda101.com/OnlineBooks/LeBon/LeBon_1895/TheCrowd/LeBon_1895_00> [1895] . Acesso em: 01 de out. de 2014

LIPSET, S. M. **Agrarian Socialism**. Berkeley: Univ. Califórnia Press, 1950.

MACHADO, Jorge. *Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais*. **Sociologias**, n. 18, Porto Alegre, Jul./Dez. 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222007000200012>. Acesso em: 01 de out. de 2014

MEAD, George. **Mind, Self, and Society**. Ed: Charles W. Morris. University of Chicago Press, 1934.

MELUCCI, Alberto. **Acción Colectiva, Vida Cotidiana y Democracia**. México D.F: El Colegio, 2003.

_____. **Challenging Codes - Collective Action in the Information Age**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1996.

NYT - New York Times. **Movement Began With Outrage and a Facebook Page That Gave It an Outlet**. http://www.nytimes.com/2011/02/06/world/middleeast/06face.html?_r=0 . Acesso em: 01 de out. de 2014

PARSONS, Talcott. **The Structure of Social Action**. Nova Iorque, McGraw-Hill, 1937.

PASQUINO, Gianfranco. *Movimentos Sociais*. In BOBBIO, N; PASQUINO, G; MATTEUCCI (Eds.) **Dicionário de Política**. Vol. 2, pp. 787-92. Brasília: Ed. UnB, 1994.

SELZNICK, P. **The Organizational Weapons**. N. York: McGraw-Hill, 1952

SMELSER, N. **Theory of Collective Behavior**. London: Routledge & Kegan, 1962.

SMITH, J.; CHATFIELD, C; & PAGNUCCO, R. Social Movements and World Politics. A Theoretical Framework. In SMITH, J.; CHATFIELD, C; & PAGNUCCO, R (Eds.), **Transnational Social Movements and Global Politics**. Syracuse: Syracuse University Press, 1997.

TAYLOR, C. (org) "A política de reconhecimento" In TAYLOR, C. (org) **Multiculturalismo**. São Paulo: Loyola, 1998, pp. 244-251.

TARDE, Gabriel. **Les lois de l'imitation. 2^a. Les classiques des sciences sociales**. Québec: l'Université du Québec à Chicoutimi. (2004) [1895] http://www.ugac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html . Acesso em: 01 de out. de 2014

TARROW, Sidney. 1994. **Power In Movement. Social Movements, Collective Action And Politics** (2nd Edition). New York/Cambridge: Cambridge University Press.

TILLY, Charles **From Mobilization to Revolution**. Reading, Mass., Addison-Wesley, 1978.

_____. Charles. Wood, Lesley J. . **Social Movements, 1768-2008**. Paradigm Publishers; 2 edition (July

30, 2009)

TOURAINE, A. **La producción de la sociedad**. México, IISUNAM, 1995.

WIKIPEDIA. **Arab Spring** http://en.wikipedia.org/wiki/Arab_Spring . Acesso em: 01 de out. de 2014.

_____ 2014b **Prism (surveillance program)** http://en.wikipedia.org/wiki/PRISM_%28surveillance_program%29 . Acesso em: 01 de out. de 2014

_____ 2014c **Muscular (surveillance program)** http://en.wikipedia.org/wiki/MUSCULAR_%28surveillance_program%29 . Acesso em: 01 de out. de 2014

The NATIONAL. **Facebook and Twitter key to Arab Spring uprisings: report**

<http://www.thenational.ae/news/uae-news/facebook-and-twitter-key-to-arab-spring-uprisings-report>
June 6, 2011 . Acesso em: 01 de out. de 2014

Washington Post. **Occupy Wall Street protests go global**

http://www.washingtonpost.com/world/europe/occupy-wall-street-protests-go-global/2011/10/15/gIQAp7kimL_story.html October 15, 2011. Acesso em: 01 de out. de 2014

YahooNews. **Number of active users at Facebook over the years** <http://news.yahoo.com/number-active-users-facebook-over-230449748.html> May 1 2013. Acesso em: 01 de out. de 2014